



Produção agroecológica promovendo desenvolvimento sustentável e segurança alimentar na agricultura familiar do município de Santana do Cariri-CE

Maria Laís da Silva Santos¹; Damiana Vicente da Silva²; Valdimiro Vertano dos Santos³; Lázaro da Silva Santos⁴ e Larissa Cibelly da Silva dos Santos⁵

¹laisvertano20@gmail.com

Eixo temático: Juventudes e Agroecologia

Apresentação

O presente relato aborda as vivências agroecológicas de um casal produtor da agricultura familiar, dona Damiana (43 anos) e seu Valdimiro (Bibi, 46 anos), na companhia de três filhos, Larissa (23 anos), Laís (21 anos) e Lázaro (16 anos). Que há pouco mais de vinte anos, trilham uma história de subsistência e resistência ao semiárido Brasileiro com cultivo da terra de maneira racional.

No início tudo era muito difícil, mas o tempo foi generoso com a família e algumas ONGs contribuíram muito com o fortalecimento dessa resistência, na luta pela independência financeira que promove conforto e igualdade social ao homem camponês. Desarmando-se a onda de machismo e patriotismo, dando espaço a mulher na sociedade e elucidando a mesma como símbolo de força e sabedoria.

Dentre essas organizações, a ACB (associação cristã de base) é a que melhor se destaca, por ter sido ela quem incentivou o primeiro passo a ser dado na construção do saber técnico atrelado ao saber popular na comunidade. Através dessa instituição a família foi beneficiada com informações cruciais que jamais vão se perder. Essa troca de experiências se deu através de oficinas e rodas de conversas que aconteciam no alpendre (varanda) da casa da família tratando-se de temas como; economia popular solidária, associativismo e organização popular. Além de capacitar os agricultores a fazer uso do sistema PAIS- Produção integrada sustentável, em sistema modular. Como benefício do projeto Jovens familiares produzindo no Cariri, ao qual a comunidade fora beneficiada em 2014.

Atualmente a comunidade em que a família reside construiu a AAFASIL (Associação comunitária dos agricultores e agricultoras do sítio Lírio), onde mensalmente todos os envolvidos se reúnem para tratar de assuntos que diz respeito aos mesmos buscando a melhoria das condições na localidade. Dentre as ações de políticas públicas, a associação criou sua própria moeda solidária, o (Lírio) para fazer uso em eventos da AAFASIL, já que a mesma não possui registro até então.

O trabalho das organizações não governamentais foi crucial para incentivar a família de Dona Damiana a permanecer no campo. Mas eles não se contentaram apenas com isso e foram em busca de formações acadêmicas. A matriarca interrompeu os



estudos logo cedo para constituir família, cuidar dos filhos e marido, realizar afazeres domésticos e contribuir com as atividades da roça, mas voltou a estudar junto dos meninos e hoje é graduada em Pedagogia e técnica em agropecuária. As meninas também são técnicas, sendo a mais nova (Laís) acadêmica do curso de zootecnia no IFCE *campus* Crato. Lázaro cursa o técnico agrícola integrado ao ensino médio também no IFCE e o patriarca faz alfabetização para iniciantes e já planeja o futuro: “Ah meu amigo, esteja despreocupado que o próximo técnico agrícola da família sou eu”, brinca Bibi ao dizer.

A vida acadêmica de Laís, foi a situação que lhe deu suporte e inspirou a escrita desse trabalho, com o auxílio imprescindível de seus parceiros de vida familiar e profissional.

Contextualização da experiência

Relato aqui, uma experiência popular vivenciada por mim e minha família. Somos ao todo cinco pessoas, moramos no Nordeste do Brasil, mais precisamente na comunidade rural do Sítio Lírio, município de Santana do Cariri, na região metropolitana do Cariri cearense, com temperatura que varia entre 23 °C e 30 °C e irregularidade temporal e espacial no regime pluviométrico variando de 214 mm e 929 mm durante o ano. A vegetação predominante é o carrasco ou Savana estépica, caracterizado por conter capoeira densa não espinesciente com espécies nativas próprias. Espalhada por toda área centro-oeste da chapada do Araripe.

O solo apresenta textura arenosa e pH ácido, por serem superfícies muito lavadas, tornando-os produtivos para algumas culturas como abacaxi e macaxeira (mandioca ou aipim) mas com baixa produtividade para outras culturas.

Somos agricultura familiar e sobrevivemos a base do cultivo orgânico, com uso de tecnologias sustentáveis para convivência com o semiárido. A ideia do consórcio entre agricultura/ecossistema parte de minha mãe, que posteriormente consegue convencer meu pai a mudança de hábitos e conscientiza até hoje pessoas ao seu redor de que trabalhar com agricultura convencional não é o caminho para prolongar nossa vida de maneira saudável e sem destruir outras vidas para produzir.

Temos em nossa mente que agrotóxicos, fertilizantes e exploração exacerbada do solo, destroi desde pequenas vidas que habitam na serapilheira até o comprometimento da existência de vidas futuras. Colocando as riquezas naturais da região em risco de extinção constantemente. O fortalecimento da agricultura tradicional desfaz a ideia de que só se produz com venenos, promove hábitos alimentares saudáveis no seio de nossa família se estendendo ao mercado consumidor que usufrui da compra desses mesmos produtos

Desenvolvimento da experiência

Aqui em casa temos um quintal produtivo com cultivo de hortaliças, frutíferas, vegetais e mais uma porção de alimentos orgânicos. Bem como a criação de abelhas



africanizadas e nativas, pequenos ruminantes, aves e suínos destinados à alimentação e venda do excedente em feiras livres fomentadas pelas associações rurais.

Inicialmente meus pais sobreviviam a base do monocultivo da mandioca para consumo, produção e comercialização de seus derivados como: farinha, goma, massa puba e outros. Exploravam descontroladamente a terra, desmatavam e faziam brocas (queimadas). Até que chega o dia em que decidem continuar vivendo da agricultura, só que respeitando aos preceitos da mãe natureza e colaborando com o desenvolvimento sustentável. A ideia parte de uma observação de minha mãe (Damiana) no ano de 1998 aos apicultores que migravam da Capital Fortaleza para o Sítio Lírio em busca de espécies nativas para produção de mel.

A intenção desses profissionais era explorar o cipó uva, planta nativa, nectarífera que oferta alimento excepcional às abelhas, com safra no período de setembro a novembro, e que garante boas condições na produção dos méis, já que é a partir do néctar das flores que as abelhas recolhem, combinam e deixam maturar nos favos da colmeia dando origem a esse produto alimentício.

Quando pergunto a minha mãe sobre a reação dela com a chegada dos primeiros apicultores ela responde: “Perceber aquele monte de cabra (homem) chegando aqui para explorar nossas matas sem haver necessidade de desmatar, rapidamente cheguei a conclusão de que a mudança estava por vir, eu disse a seu pai que a partir daquele momento, nós também partiríamos para o ramo das abelhas, porque é uma atividade rentável e que não agride o meio ambiente como o plantio da mandioca, atividade tão desgastante para nossa saúde e desequilíbrio do ecossistema.”

Pergunto dessa vez, se ela era feliz antes da apicultura e do quintal produtivo, ela responde com clareza. “Na época do monocultivo eu só pensava no êxodo rural, na verdade eu só sonhava no dia em que iríamos nos mudar para cidade e viver melhor, com conforto e bem viver. Hoje em dia? Deus me livre minha filha! Não me imagino saindo daqui para viver em nem um outro lugar. O Lírio é o melhor lugar do mundo!”

Passado um ano, em 1999 meus pais dão início ao manejo da apicultura em nossa propriedade e obtiveram êxito, mas é como se algo ainda nos faltasse. O mel não era suficiente para suprir as necessidades da alimentação e infelizmente a região não ofertava recursos hídricos suficientes para produzir alimento o ano todo.

Apenas no ano de 2013 somos beneficiados com o P1+2 (programa uma terra e duas águas), uma tecnologia de convivência com o semiárido que consiste da construção de um calçadão para captar água da chuva e uma cisterna com reservatório que pode armazenar até 52 mil litros de água destinada ao cultivo do quintal produtivo e criação de animais.

Meu irmão caçula (mais novo) o Lázaro, tem noção do quanto nossas vidas mudaram após a construção da cisterna: “Com a chegada da cisterna calçadão aqui em casa tudo mudou, agora eu posso criar meus bicho sem me preocupar, por que sei que na



época de seca eles não vão morrer de sede, e ainda tem verduras para se alimentar e vender durante o ano todo. É gratificante demais, saber que mãe pode irrigar as flores dela sem medo de ficar sem água para outras atividades. Eu nasci em uma época maleável, relativamente fácil, mas tenho consciência do quanto nossos pais e avós sofreram com os grandes intervalos de seca aqui no nordeste e faço questão de economizar e repassar para o outro a importância da água nas nossas vidas”. Palavras de Lázaro.

No ano atual 2019, dá orgulho de dizer que vivemos em uma propriedade sustentabilidade, morando no campo com conforto e alimentos saudáveis.

Minha irmã Larissa, casou-se e já tem uma filha, a Lorrane de 1 ano e 4 meses, moram em Crato porque seu marido trabalha e sua casa é na cidade. Lázaro estuda em tempo integral, mas em qualquer folga corre para o sítio em busca de tranquilidade e manejo dos caprinos e ovinos que nosso pai fica responsável enquanto ele estuda. Eu estou no quarto semestre da faculdade, por questão de locomoção fico na casa de minha irmã durante a semana. Nosso pai trabalha todos os dias manejando o quintal e os animais. Nas sextas feiras comercializa os produtos na feirinha da agricultura familiar em Crato e na oportunidade voltamos todos junto com ele para passar o fim de semana no sítio.

Nossa mãe ministra aulas em uma escolinha de ensino fundamental meio período na zona rural e nas horas vagas ajuda nosso pai na lida. Além de tudo isso, nós recebemos constantes visitas técnicas de alunos de universidades da região que estão em busca de lazer e troca de saberes e sabores conosco.

Desafios

Tudo parece lindo, mas para cada conquista existem milhões de desafios e dessa vez não foi diferente. O principal deles foi a falta de água para produção. Meu pai (bibi) conta que havia muita escassez de chuva no passado e não existia sistema de captação ou armazenamento como hoje. A gente dependia unicamente de um barreiro que era muito distante da casa.

Outra adversidade enfrentada era a falta de energia. Larissa conta: “Tente você, imaginar como vivíamos sem energia elétrica! Não tinha luz, liquidificador para preparar um suco, tampouco geladeira para conservar alimentos. Tomávamos água do pote de barro e era bom, era saudável. Não tinha TV e sentávamos todas as noites em família para contar história de trancoso (Lendas, histórias inventadas). Mas quando a energia chegou, melhorou muito nossa qualidade de vida, pois passamos a conservar polpa de frutas que até então eram desperdiçadas, conservar carnes e outros alimentos. Meu pai pôde instalar sistema de irrigação com bomba de água e utilizar equipamentos tecnológicos na apicultura até então desconhecidos.

Para minha mãe o principal desafio enfrentado foi convencer o marido a mudar sua metodologia de trabalho, pois o mesmo subentendia que o produto do monocultivo



era a única saída para geração de renda. E em partes ele não era culpado por pensar assim, essa era a única maneira que lhe convencia por uma questão cultural. Ele cresceu vendo os pais produzindo de maneira convencional e por isso carregava essa bagagem a tanto tempo.

Principais resultados alcançados

No âmbito social a principal vantagem que percebemos é a troca de experiências com outras comunidades, agricultores, instituições, ONGs, universidades e visitantes que podem desfrutar desse saber popular atrelado ao saber técnico.

Já no quesito economia, vem em forma de renda familiar, através da comercialização de produtos alimentícios e medicinais nas feiras livres e eventos. Bem como a riqueza da culinária sustentável que ofertamos no ato da visita e organização de pequenos eventos.

Falando-se em dimensões ambientais, os resultados relaciona-se com a necessidade de conservação da natureza, retirando dela apenas o necessário e ofertando boas condições para a mesma se recompor. O que contribui diretamente com a manutenção da esfera, por não haver necessidade de destruição do meio.

Disseminação da experiência

Experimentar de tecnologias sustentáveis para convivência com o semiárido, tem sido alvo para instigar outras famílias e organizações sociais cada vez mais a desenvolver um quintal produtivo em suas propriedades. Posterior a implantação da cisterna, em 2014 fomos beneficiados com o projeto (Jovens familiares produzindo no Cariri) que além de implantar um sistema de mandala para cada participante, incentivou novas famílias a produzirem e utilizou-se de nossas vivências com intercâmbios para mostrar que todos são capazes de progredir na agricultura familiar, produzindo seu próprio alimento e convivendo de maneira harmônica com a natureza retirando dela apenas o suficiente para sobrevivência.

Viver da agricultura familiar e produzir alimentos sem uso de produtos químicos que destroem vidas é um privilégio. Damos valor à nossa cultura popular, utilizamos nossas sementes crioulas, produzimos nossos próprios compostos orgânicos, usufruímos da água sem exageros e cultivamos a terra de maneira racional. Isso não tem preço.

Atualmente o valor que se tem a agricultura familiar é a razão que evita o êxodo rural por parte principalmente dos jovens que ainda tem a concepção de que as melhorias de vida se encontram nas cidades. Não provocamos deterioração do meio ambiente, não destruimos vidas para produzir em grande escala, não poluímos o ar, não contaminamos o solo e as águas, temos qualidade de vida, temos soberania alimentar, convivemos de forma harmônica com outros seres vivos e respeitamos a nossa terra. Somos felizes em comunidade, conviver com o semiárido é nossa essência.